



CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

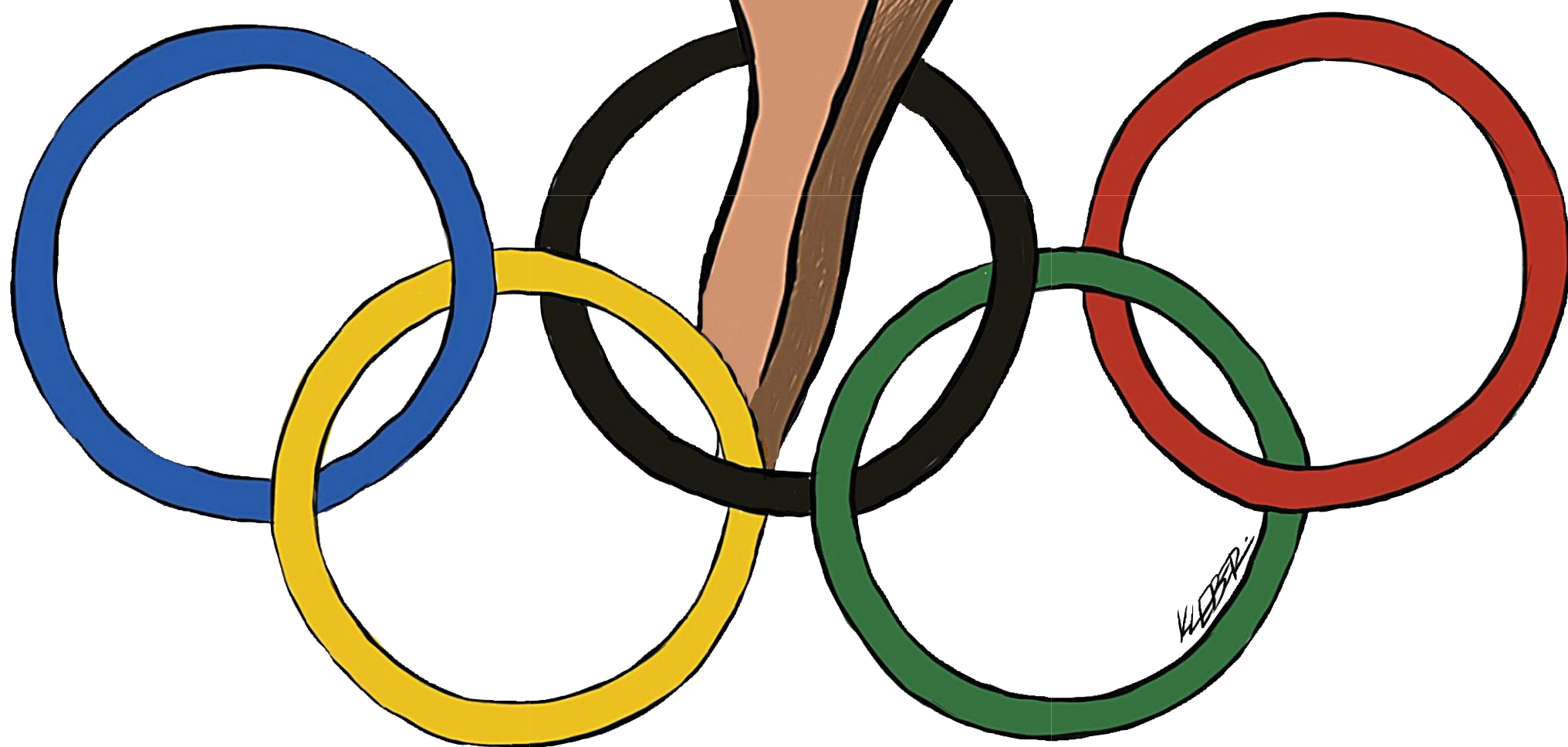
correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima
E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176



A sexta sinfonia de Rebeca



Ao som de um medley de Beyoncé, Anitta e *Baile de Favela*, último concerto na Olimpíada da França consagra a brasileira ouro no solo e maior medalhista do país nos Jogos. Apoteose deixa ida a Los Angeles-2028 em suspense



DANILO QUEIROZ
VICTOR PARRINI
Enviados especiais

Paris — Rebeca Rodrigues de Andrade. Agora, esse é o nome gravado com letras douradas no topo da lista dos maiores medalhistas da trajetória do Brasil em Jogos Olímpicos. Ontem, na disputa do solo da ginástica artística de Paris-2024, a atleta de 25 anos alcançou a glória eterna. Reverenciada por uma nação apaixonada por ela e, até mesmo, pelas principais rivais, a ginasta faturou um ouro incontestável e subiu ao pódio do evento esportivo mais prestigiado do mundo pela sexta vez. As estadunidenses Simone Biles e Jordan Chiles levaram a prata e o bronze, respectivamente. Ninguém no país viveu tantas vezes essa alegria.

A consolidação de Rebeca no hall dos mais vitoriosos do país não poderia ter sido escrita de maneira mais apoteótica. Na Cidade Luz, a paulista de Guarulhos foi a estrela de maior brilho no último dia de provas da ginástica artística na Arena Bercy. Mesmo após uma exibição instável na trave — na qual nem ela, nem Simone Biles subiram ao pódio —, a brasileira brilhou no solo. Entregou tudo em uma apresentação irretocável, incapaz de ser batida, nem mesmo pela norte-americana capaz de executar movimentos de altíssima dificuldade, beirando o impossível.

Ontem, mais uma vez, Rebeca fez o país parar e torcer por ela. Era manhã no Brasil quando a protagonista entrou em cena. Recompensou o sono perdido pelos fãs ao pisar no solo e receber o notão 14.166 para não ser alcançada por mais ninguém. O gesto das americanas Simone Biles e Jordan Chiles de reverência à queridinha do Brasil na subida ao pódio parece ter sido combinado com os mais de 200 milhões de brasileiros. Comovida pelo feito eterno com a nova medalha da coleção pessoal, chorou ao ouvir o Hino Nacional cantado em uníssono pelos compatriotas em Paris, enquanto a bandeira verde-amarela ganhava destaque em meio a outras duas dos Estados Unidos.

Longe de qualquer postura de estrelismo, atendeu pacientemente a todos os jornalistas na sala de conferência. Primeiro, deu coletiva por quase 15 minutos. Depois, fez questão de ouvir quem ainda tinha algo a perguntar. Tudo para se colocar como porta-voz do esporte nacional após feito sem precedentes. “Estou muito feliz e honrada por hoje estar nessa posição. É difícil de ser conquistado. A gente treina bastante, luta, bate diversas vezes no quase e, às vezes, não acontece. É uma honra poder representar, mostrar que é possível e acredito que, quando você tem uma equipe que luta pelo mesmo sonho que você e que quer as mesmas coisas, tudo acontece”, vibrou.

Os seis pódios

- 29/7/2021 - Prata individual geral
- 01/8/2021 - Ouro no salto
- 30/7/2024 - Bronze por equipes
- 01/8/2024 - Prata no individual geral
- 03/8/2024 - Prata no salto
- 05/8/2024 - Ouro no solo

Diante do feito digno de fazer o país vibrar pela ginástica, a brasileira rechaçou a necessidade de foco exclusivo à modalidade durante a mais nova vitória dourada. Ela quer espaço para todos. “A gente está sempre tentando fazer o nosso melhor para que o esporte continue crescendo. Mas acho que o Brasil não é só o país da ginástica. É de todos os esportes. Precisamos parar com isso, pois temos talentos em todos. Não dá para incentivar só um. Na base, os que estão chegando e os de alto rendimento. É isso que precisamos: de pessoas que acreditem na gente e façam o melhor por nós”, refletiu Rebeca ao *Correio*.

A conversa na sala de imprensa da Arena Bercy tinha um tom de despedida. Rebeca Andrade estava decidida a não disputar mais provas do solo.

Motivo: extremo desgaste. O possível retorno seria somente a pedido da comissão em caso de necessidade. Inclusive, revelou ter convivido com uma lesão antes de Paris-2024. “Passei por algumas situações. Machuquei o ombro, tive dores, essas coisas, sabe? Então, acaba deixando a gente bem assim: ‘Ai, será que vai dar certo?’ Não sei, a gente está com dúvidas, sabe? Mas, os dias foram melhorando, a minha confiança foi aumentando de novo”, compartilhou.

O ensaio do adeus não parou por aí. Ao ser questionada sobre os Jogos de Los Angeles-2028, colocou em dúvida a participação. “Não (conheço Los Angeles), mas vou conhecer antes da Olimpíada. Não sei se estarei lá (na disputa). Acalmem-se, gente”, desconvorsou, com bom humor. Se não estiver para defender a hegemonia na edição olímpica na casa de Simone Biles, Rebeca está ciente de que terá de passar o bastão. “Não é que eu espero uma nova Rebeca, espero uma nova pessoa, com a personalidade dela, do jeito dela, porque somos pessoas diferentes. Espero que seja gigante também. Tenho certeza de que, quando eu passar, ela vai merecer. Mas estou curtindo meu momento, estou bem feliz.”

All-black podium

Rebeca também ressaltou o protagonismo de ginastas negras em uma modalidade anteriormente

dominada por brancas. “A gente já teve no Mundial, poder repetir na Olimpíada é mostrar a potência dos negros. As pessoas aplaudem ou elas engolem. Foi lindo. Eu me amo, amo a cor da minha pele”, destacou na sala da imprensa. O feito foi celebrado pelas estadunidenses e definido como all-black podium. Embora sejam concorrentes, não pouparam elogios à brasileira. “Ela é uma rainha! Foi superemocionante para nós. A Jordan falou que deveríamos nos voltar para ela, e eu disse que sim. Ela é tão emocionante de se assistir e todos os fãs e o público estão sempre torcendo por ela. Foi a coisa certa a se fazer (reverenciá-la)”, discursou Biles.

Rebeca Andrade quebrou a hegemonia de 12 anos dos Estados Unidos no solo. Os títulos das três últimas decisões foram conquistados por ginastas norte-americanas. Na edição de Tóquio-2020, Jade Carey subiu ao lugar mais alto do pódio. Quatro anos antes, no Rio de Janeiro, Biles encantou espectadores e juízes. Na versão de Londres-2012, brilhou a estrela de Aly Raisman. A queridinha do Brasil também se orgulha de ser a primeira ginasta sul-americana medalhista do solo em Jogos Olímpicos. A tradicional prova feminina, disputada desde a versão de Helsinque-1952, jamais havia brindado a excelência de talentos de fora da América do Norte, da Europa ou da Ásia.